

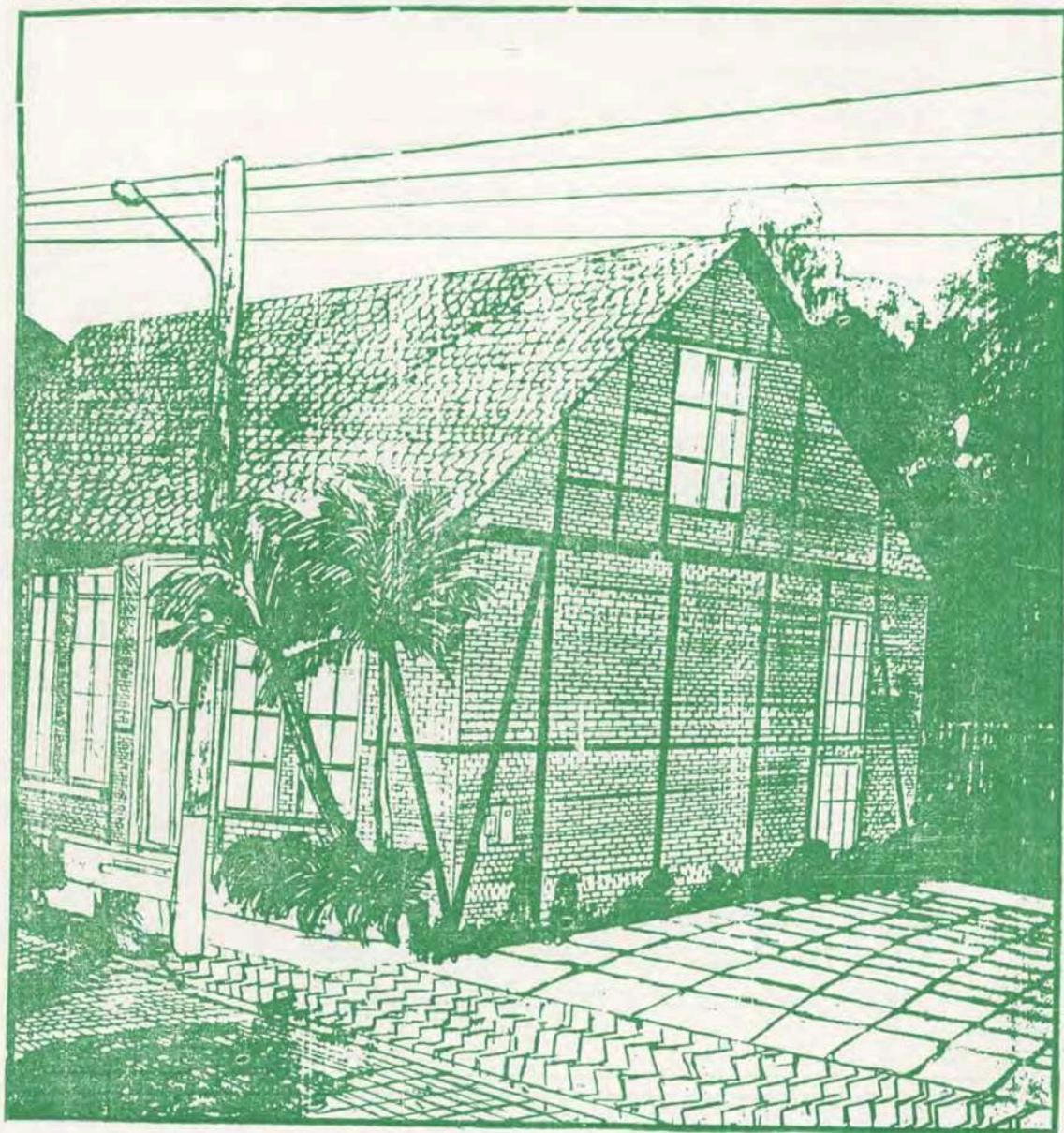
Blumenau em cadernos

TOMO XXXII

Setembro de 1991

Nº. 9

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXII

Setembro de 1991

Nº. 9

SUMÁRIO

Página

Bodas de Ouro do casal Heinrich-Mira Herwig	258
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	263
Reminiscências - Um Luso-Brasileiro em Blumenau - Rui M. da Costa	265
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (III) Pe. Antônio F. Bohn	271
Universidade Pública - Culpada ou inocente - Lucila R. de Magalhães	273
Adenda à Biografia de Sebastião Fernando Camacho - Antônio Roberto Nascimento	275
«Folhas do Passado» - Sueli Petry	276
Um pouco da história de Apiúna - M. Deretti	281
Aconteceu - agosto de 1991	282
Subsídios Históricos - Rosa Herkenhoff	288

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 10.000,00

Numero avulso Cr\$ 500,00 — Atrasado Cr\$ 800,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 15.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

BODAS DE OURO DO CASAL HEINRICH-MIRA HERWIG

No dia 11 de agosto passado, o casal Heinrich e dona Mira Herwig festejou com muita alegria a passagem de seus cinquenta anos de feliz consórcio.

Cercados do carinho e da amizade de seus familiares assim como de inúmeros amigos, Heine e Mira também se emocionaram com a homenagem que, em nome de sua família, lhes foi prestada por Gervásio Vargas, sogro de Rolf Herwig, que fez o seguinte pronunciamento, através do qual é possível aquilatar-se da grandiosidade do evento, por tudo o que o mesmo significou para os numerosos amigos e admiradores que foram ao Teatro Carlos Gomes, naquela memorável data, abraçar os noivos cinquentenários: Eis as palavras de Vargas:

«O amor aproxima o homem e a mulher de forma inesperada»

Exemplo vivo de um amor que não se podia imaginar aconteceu com o casal que hoje festeja as suas BODAS DE OURO.

Vejam o que é o destino. Ele nasceu no ano de 1911, na cidade alemã de Kassel. Ela veio ao mundo 4 anos mais tarde, na cidade alemã de Bat-Urar.

A Alemanha naqueles anos passava por momentos difíceis. Alguns de seus filhos, preocupados com a situação, aventuravam-se rumo a outros países a procura de maior estabilidade para si e para as suas famílias.

Em 1923, contando então com 8 anos, Mira Socher acompanhando

do seus familiares embarcava no navio Tukuman rumo ao Brasil, que estava aberto à colonização. Aqui fixaram residência no lugarejo denominado NOVA BERLIM, hoje município de IBIRAMA, Santa Catarina.

Um ano mais tarde, em 1924, era a vez da família Herwig embarcar no navio Kap-Nort, enfrentar os mares bravios até chegar ao Brasil, fixando domicílio em Hamônia, hoje município de Dona Emma, Santa Catarina.

Mira e Heinrich não se conheciam. Decorreram 13 anos de permanência no Brasil, quando, no ano de 1937, numa bela tarde de primavera, os seus olhares se cruzaram pela primeira vez, na então Confeitaria Socher, na cidade de Blumenau. Naquele momento seus jovens corações sofreram uma leve aceleração, e algo que ainda não sabiam o que vinha a ser, enrubeceu os seus semblantes. Teve ali o início de um romance que durou 4 anos até acontecer o noivado em 20 de abril de 1940 e o casamento em 11 de agosto de 1941.

«O amor é uma luz que não deixa escurecer a vida»

Abençoados por Deus, o casal teve 3 filhos: o primeiro nasceu em 14 de maio de 1942 e recebeu, no batismo, o nome de Heinz Georg. Formou-se em engenharia civil e recentemente foi eleito deputado estadual pelo Estado do Paraná; o segundo foi uma menina nascida no dia 28 de agosto de 1943 e batizada com o nome de Ro-

semarie. Formou-se professora e fez cursos na Alemanha; em 11 de setembro de 1944 nasceu o terceiro e último filho, que teve na pia batismal o nome de Rolf Augusto. É formado em arquitetura, com a realização de grandes projetos.

A família conta, ainda, com quatro netos e duas noras. Georg Henrique de 21 anos e Cezar Augusto de 18 anos, filhos de Miriam e Heinz; Marcos Roberto de 17 anos e Paulo Henrique de 13 anos, filhos de Yara Regina e Rolf.

Para chegar até a presente data, muitas foram as lutas, barreiras e dificuldades que tiveram que transpor e vencer.

Aos 13 anos Heinrich já ganhava o seu pão de cada dia, entregando leite em residências de Blumenau. Aos 16 anos passou a desempenhar a árdua tarefa de agrimensor, executando a medição de terras, no que se tornou um verdadeiro técnico. Não satisfeito, aprendeu a profissão de pedreiro e, demonstrando a sua capacidade e esmero, tornou-se um artífice da profissão. Não tardou muito a descobrir a sua vocação para o desenho. A sua primeira e valiosa obra de arquitetura foi o projeto daquela que viria a ser a primeira casa própria da família.

Não tendo lápis, nem papel para fazer a planta, utilizou-se de uma tábua plana e com a ponta de um ferro em brasa foi traçando o projeto que estava em sua mente.

**«A vida é uma evolução
interminável»**

Apoiado por sua esposa Mira, que jamais perdeu a esperança da vitória, Heinrich foi se firmando como arquiteto e graças a sua previ-

legiada inteligência, mesmo não tendo a oportunidade de frequentar uma faculdade, fez curso de desenho com o arquiteto Kaulich (falecido) e, hoje, é um arquiteto lembrado e homenageado pelos grandes e lindos projetos realizados, como o da nossa nova Prefeitura e o da Casa Moellmann, verdadeiros Cartões Postais que têm projetado o nosso município mundo afora.

Heinrich especializou-se na arquitetura enchaimel, elaborou mais de 4 mil projetos, um deles, hoje, é residência de Mrs. Tankerslei, nos Estados Unidos.

**«Fiz na vida o meu escudo
desta verdade sagrada: o
nada com Deus é tudo.
E tudo sem Deus é nada»**

Heinrich e Mira não fizeram fortunas, porque sempre procuraram ser úteis aos outros e à sua Comunidade. Dezenas de projetos de grande porte, inclusive o da nossa nova Prefeitura, foram elaborados graciosamente.

Heinrich é digno do título de Cidadão Blumenauense, pelos relevantes serviços prestados a este Município que ele adotou como sua Terra Natal.

**«Nenhum homem é obrigado a
ser rico, grande ou sábio;
mas todos são obriga-
dos a serem honrados»**

A Mira é uma doce criatura, Mãe e Esposa exemplar, que dedicou toda a sua vida ao Marido e aos Filhos, sempre preocupada em lhes dar a melhor educação e o maior conforto.

**«O lar é a oficina dos caracteres,
é o veículo onde se formam as
famílias, a melhor escola onde
se educam os filhos»**

Ai está um grande exemplo de abnegação, de fé e de coragem, de um casal que veio, trabalhou e venceu. Hoje, aqui, está entre amigos e parentes, festejando os seus

50 anos de casados, festejando a sua glória a sua felicidade.

Os nossos cumprimentos ao Casal Mira e Heinrich, aos seus filhos Heinz, Rosemarie e Rolf, às suas noras Miriam e Yara, aos seus netos: George, Cezar, Marcos e Paulo, pela felicidade e a alegria de estarmos aqui participando desta solenidade tão bonita;

Parabéns pelas Bodas de Ouro!
Parabéns pelo Dia dos Pais!»

IMIGRAÇÃO/COLONIZAÇÃO

Urussanga prega a União das áreas imigratórias pela participação na vida pública

DER URWALDSBOTE

Nº. 42.

Sábado, 13 de Abril de 1901.

Ano 8

“Aos Italianos no Estado de Santa Catarina

Blumenau a florescente colônia alemã, que é considerada o centro agrícola mais forte em Santa Catarina, enfrenta a atual crise econômica que aflige o Estado. Mais confiante em si do que nas ações daqueles que dirigem os assuntos públicos, mostrou a sua firme decisão, em unir as próprias forças vitais, a que estão espalhados pelo Estado, para formar uma liga e assim unidos e disciplinados começar a luta pela influência nos assuntos públicos.

A participação dos alemães na vida pública em nosso Estado, não data de ontem, há poucos entre eles que não exercem seu direito de voto. Os resultados das eleições políticas e administrativas, mostram os inúmeros cargos exercidos por eles em todos os ramos

da administração pública. Além disto sua forte representação no Congresso Legislativo, ao qual pertencem há anos influenciando com honestidade de caráter, fidelidade e justiça.

A atitude do elemento alemão, neste sentido portanto não é nova e não pode surpreender a ninguém. O seu Volksverein o qual se via com tanta desconfiança, não é nada mais do que um quartel general do qual partem em fileiras unidas, com mais coragem, determinação e sucesso ao campo de batalha político.

De que o Volksverein não tem objetivos perigosos ao Estado, como se dizia maldosamente dele e que seu manifesto, no mínimo para os alemães no Norte de nosso Estado, não trazia nada de novo, is-

to se destaca do fato de que o mesmo era dirigido somente aos alemães do sul, com os quais até agora não havia contado. Porque se a sociedade, com seu programa de até agora, objetivasse diversos procedimentos, então ele teria dirigido o manifesto a todo o elemento alemão sem qualquer restrição.

Mas não é meu propósito defender o Volksverein contra os ataques históricos dos poucos nativistas, que vêem seu manifesto sob a influência preconceituosa e o analisam com seu fraseado pedante, só para vangloriar-se de um muito mal entendido nacionalismo.

Meu objetivo é reunir o elemento de descendência italiana que está espalhado por todo o território do Estado para despertá-lo e trazer-lhe a consciência de seu próprio ego e a sua vitalidade não é desprezível.

«No decorrer de algumas décadas» dizem os alemães, nós levamos uma enorme zona da floresta a produtividade e dela fizemos florescentes lugares de moradia e localidade. Abrimos estradas, fundamos escolas que nós mesmos mantemos. O Estado nos deve agradecimento por isto, nega o seu apoio e como nos conhece como fonte de renda aproveita-se de nós através dos impostos. Somos tratados como cidadãos de segunda categoria. Mas como somos os fatores principais da prosperidade pública temos o direito de ser colocados na primeira fila. Portanto nos unamos: Da nossa melhor e sensata atividade política, esperamos uma melhora das condições econômicas, que de outra maneira não precisamos esperar.

Este é o sentido da declaração do Volksverein em seu manifesto.

O que dizemos e faremos nós

de origem italiana? Vamos continuar o sono dos indiferentes? Os motivos e as reivindicações estabelecidas pelos alemães, não são nossas também?

E a atividade trabalhadora, este enorme imposto de sangue, nervos e mente com que enriquecemos e alimentamos a prosperidade nacional, não menos que outras, esta também não nos dá o direito de sair da nossa situação passiva e tolerante e participar na nobre ambição de manifestar-nos em assuntos públicos?

Os alemães reclamam a negligenciar com que são tratados. O que diremos nós os italianos, que em Urussanga só possuímos uma escola pública, cujo professor há oito meses faz exercícios acrobáticos com seu estômago e sem sucesso pede pagamento? O que diremos nós que não podemos transportar nossos produtos agrícolas, devido as péssimas condições das estradas? Nós que vemos nossos filhos crescer como selvagens por falta de escolas? E depois somos repreendidos por não falar o idioma pátrio! Mas como vamos aprender esta bendita língua se não nos querem ensiná-la? Se nas poucas rendosas tetas do tesouro estadual os seguidores políticos saciam sua sede, enquanto o infeliz professor, que como o deus dos Monotheístas, se deixa morrer de fome, este único professor de Urussanga?

Nas colônias do Norte é diferente. Os alemães, que perante nós são tratados como os verdadeiros Benjamins do Estado se julgam desprezados e abandonados! E nós? Nós não somos desprezados também? É sim, desprezados! Porque o único representante, que temos no Congresso, um honrado ancião, com nervos de aço e cora-

ção jovem, foi colocado porta afora por intrigas políticas partidárias?!

indiferença e inatividade é um crime!

.....
Concidadãos! Se Unam! No momento em que se luta pela segurança do próprio espírito de união em um país, no qual se é mesmo um fator significativo, onde não se luta pela soberania de qualquer raça ou nacionalidade, mas sim pela existência econômica, ali

Se nós não nos erguermos e não quisermos ser devorados, como as vacas bíblicas no sonho do faraó, então é preciso mostrar de que nós organizados e disciplinados como os alemães, somos capazes de trabalhar no progresso e riqueza da nova pátria comum.»

Ass.: M. Napoli

Cartas

Do Comte. do 10º. Batalhão de Polícia Militar sediado em Blumenau, recebemos o seguinte:

“Blumenau, SC, 19 de Agosto de 1991
Sr. JOSÉ GONÇALVES
DD Diretor de “Blumenau em Cadernos”
NESTA

ASSUNTO: Agradecimento

Prezado Senhor:

Pelo presente acusamos o recebimento da edição de Julho próximo passado da revista “Blumenau em Cadernos” editada pela Fundação Casa Dr. Blumenau, e que tem em V. S^a. o seu diretor responsável.

Recém chegados à cidade de Blumenau, onde assumimos o Comando do 10º. Batalhão de Polícia Militar e já conhecedores do quanto se preza e se procura preservar com carinho e abnegação em toda esta região as tradições dos antepassados e primeiros colonizadores, muito nos agradou a referida publicação a qual lemos minuciosamente tomando conhecimento mais profundo de fatos ali narrados da história de Santa Catarina.

Sr. Diretor, aceite nossos agradecimentos pela gentil remessa e a nossa manifestação e desejo de continuar se possível a receber a “Blumenau em Cadernos” que já se tornou leitura obrigatória para nós pelo seu conteúdo o valor cultural.

Atenciosamente.

ADEMIR ANTON

Ten Cel Pm Cmt do 10º. BPM”

LIVROS DOADOS

Registramos com satisfação a gentileza da Firma Sul Fabril S/A., doando à Fundação “Casa Dr. Blumenau”, para as estantes da Biblioteca e do Arquivo Histórico, 10 exemplares do livro “Industrialização Catarinense”, de autoria do pesquisador Edi Vieira Filho. Agradecemos doação, cuja obra estará à disposição do público.

I

“Minha Infância Fez Minha História” é um livro que surpreende pela qualidade do texto e pela fluência da narração. Romance de fundo memorialista, revela uma autora madura, capaz de aproveitar as peripécias da vida movimentada e absorver as próprias experiências para transformá-las em páginas de absorvente ficção. A instabilidade da personagem central, sua inquietação e procura constantes, fazem do livro um autêntico romance de aventuras e suas incursões no terreno psicológico em momento algum interferem no desenrolar da narrativa, ainda que a enriqueçam de elementos subjetivos. Em pouco mais de uma centena de páginas, BERENICE DUNBAR construiu um romance de leitura cativante, cujas sugestões, por baixo do relato linear, apontam para diversos caminhos, cada um deles rico em novas interpretações. Trata-se de um livro cuja leitura é comovente e que por isso me sinto à vontade para recomendar. O livro foi lançado em Balneário Camboriú e novos lançamentos deverão ocorrer em outras cidades do Estado.

II

Silvério Ribeiro da Costa está lançando seu segundo livro. “Retratos” reúne muitas de suas produções poéticas e foi apresentado ao público na cidade de Chapecô, onde reside. Tendo participado em diversas coletâneas e conquistado alguns prêmios literários, o poeta tem merecido o aplauso de críticos como Iaponan Soares, Celestino Sachet e João Barcellos, entre outros. O livro se abre com um “Retrato Vivo” onde o poeta ratifica sua vocação maior de escritor e apela em palavras incisivas: “Ata-me a língua/ou mata-me à mingua./Mas não me cortes as mãos/e muito menos a cabeça./Deixa-me pensar/e escrever/para que vivo permaneça!”

III

A arte fotográfica está em alta no Estado. Lair Leoni Bernardoni mereceu extensa reportagem bilingüe, generosamente ilustrada com uma seleção de suas fotos, na revista de bordo da Varig, “Ícaro”, em seu número 84; e que teve grande repercussão. Além disso, ela está expondo suas obras em Viena, no Instituto Austríaco Para a América Latina, numa promoção dessa entidade e da Embaixada do Brasil em Viena.

Os fotógrafos catarinenses Joi Cledison Alves, Fernando Tokarski e Egon Thiem, este último autor das capas de dois de meus livros, e Tokarski autor de muitos trabalhos publicados na imprensa,

realizam em Florianópolis, no espaço cultural do Badesc, uma exposição de fotografias que tem por tema a erva-mate. Todos eles são residentes na região onde o então chamado ouro-verde teve grande significação histórica e econômica e souberam captar muito bem os melhores aspectos da produção da erva, desde a colheita, até a cuia do chimarrão e a fraternidade por ela ensejada nas rodas onde passa de mão em mão.

Também no mês de setembro realizou-se em Canoinhas a IV Fesmate — Festa Estadual da Erva-Mate, cuja programação incluiu diversos eventos de natureza cultural.

IV

Em Blumenau dois acontecimentos importantes e de muita repercussão merece um registro. O primeiro foi o seminário “O Ministério Público e o Meio Ambiente”, promovido pela Associação Catarinense do Ministério Público com o apoio de outras entidades. Durante quatro dias foram longamente debatidos esses problemas e a maneira como o **Parquet** melhor poderá usar de seus poderes para a defesa ecológica. Merece um destaque especial a atuação da Promotora Rosa Maria Garcia coordenadora do Núcleo Regional de Blumenau, pela sua incansável dedicação em favor do sucesso do evento.

Significativa também a exposição “Retratos Falados”, promovida pelo Espaço de Arte Açu-Açu com a participação dos artistas convidados César Otacilio, Érica Araújo, Érico da Silva, Guido Heuer, Lygia Roussenq Neves, Myriam Medeiros, Paulo Ceconi, Rosi Darius, Tadeu Bittencourt, Rubens Oestroem, Sola Ries, Teresinha Heimann e Vânia Guedes. O evento comemorou os 142 anos da cidade.

V

A ópera “Pedro Malazarte”, criada por Camargo Guarnieri e Mário de Andrade, será encenada em Zurique, na Suíça, no próximo ano, segundo tem noticiado a imprensa. A ópera se baseia num conto do “papa” do Modernismo também autor do libreto, e tem uma característica curiosa que a liga ao nosso Estado. É que ela se desenvolve na casa de um colono de origem alemã, em Santa Catarina, com um pinheiro no centro da sala, sustentando a construção. O enredo é malicioso e cheio de insinuações bem ao jeito do autor de “Macunaima.”

O poeta Alcides Buss está lançando, através da M. A. L. Edições, de Florianópolis, a segunda edição de seu livro “Transação”, aparecido em 1988 e bem recebido pelo público e pela crítica na época. O lançamento de uma nova edição de livro de poesias entre nós é fato deveras raro e, por isso mesmo, auspicioso.

O Departamento de Cultura de Balneário Camboriú promoveu o 2º Festival de Folclore, apresentando grupos folclóricos e números realizados por estudantes, lembrando também as etnias que colonizaram nosso Estado.

Esmeralda é ciagna, morena, alta, bonita. Apaixonada pela vida nômade e pelas mudanças, era sempre a mais animada na hora da viagem. Mas um dia, chegando em Salvador, conheceu um baiano e por ele se enfeitiçou. Quando raiou o dia de partir, Esmeralda teve que escolher entre a vida andante e o amor profundo. Uma decisão sofrida, penosa, onde o coração venceu: ela abandona a tribo e fica na Bahia, entregue ao seu homem. Com o passar dos dias a saudade das andanças aperta seu peito. Ela caminha então pelas areias brancas da praia, imaginando as paragens por onde andaria sua tribo. Numa tarde melancólica, olhando os pescadores que se preparavam para zarpar, veio-lhe a idéia de pintar o que sentia, colocando na tela o que imaginava. E foi então que nasceu a pintora, com seus quadros explodindo nas cores vivas dos locais mais belos e estranhos onde sua fantasia coloca a tribo de que se desligou pelo homem que ama.

Em minha recente viagem à Bahia comprei um de seus pequenos quadros, que agora tenho à minha frente, e por trás das cenas que retrata imagino o drama da mulher dividida entre as forças do nomadismo atávico e o amor de um baiano que não sabe viver senão na Bahia.

REMINISCÊNCIAS

UM LUSO-BRASILEIRO EM BLUMENAU

A Escola

De 1934 até 1935 aprendi a ler com meu pai e com minha tia Livia. Uma tarde quando meu pai chegou do trabalho, me entregou um livro. «É uma cartilha para você aprender a ler», disse ele. Foi minha companheira por muito tempo. Depois de alguns meses estava lendo as manchetes da «Gazeta do Povo» e de «O Dia»: «Nacionalistas entram em Barcelona», «Franco em Alicante», «Japoneses saqueiam Nankim».

Assim, quando em 1936, fui matriculado no Grupo Escolar Xavier da Silva, em Curitiba, já estava alfabetizado. A professora, que se

chamava Dona Leila ou Lea, não me lembro bem, logo percebeu e me dava livros mais difíceis para ler. No fim daquele ano, porém, o Grupo entrou em reformas e eu fiquei sem escola durante o ano de 1937 inteiro. Minha mãe achava que eu ainda era muito pequeno para ir até uma outra escola mais distante.

Com a mudança da família para Blumenau, só voltei à escola em 1938. Fui matriculado no curso primário do Colégio Santo Antônio. O Curso Primário funcionava num prédio de dois andares, nos fundos da Igreja Matriz e existiu até o ini-

cio da construção da nova matriz em 1950.

No primeiro dia de aula já cheguei atrasado. Fui sozinho, me aproximei de uma janela aberta no andar térreo e logo que um professor me avistou, me perguntou de que turma eu era. «Segundo ano», respondi. Aí ele me orientou. Subi a escada de madeira, bati na porta, entrei e comecei minha vida escolar em Blumenau.

Tínhamos duas professoras: Dona Ruth Zimmermann e Dona Maria Weiss. A primeira muito me impressionou. Parecia um anjo: bonita, mocinha, cabelinho escuro, pele branquinha, mãos finas e bem cuidadas, rosto corado, sempre vestida de preto, mangas compridas, decote fechado e meias pretas. Soube mais tarde que tinha se tornado freira, irmã da Divina Providência. A segunda, enérgica, voz retumbante, sotaque alemão pesado, sempre me pareceu uma vovó alemã, uma Oma. As aulas eram dadas em português, com explicações acessórias em alemão para quem tivesse dificuldades de entender. Apenas as aulas de Religião e Canto eram dadas em turmas separadas: Havia Religião em Alemão e em Português, Canto em Alemão e canto em Português. Eu gostava mais de assistir às aulas em alemão, apesar de não entender nada. Assim aprendi as orações principais e várias músicas folclóricas tais como: Weiss Du wieviel Sterne stehen, Hop hop hop Pferdie lop galop, Fuchs du hast die Ente gestohlen, das quais quando hoje escuto as melodias, me encham os olhos de lágrimas e o coração de ternura. Como eu era clarinho, me escondia no meio dos alemãezinhos e ninguém me notava.

Como ficava perto do prédio de nossa escola o morro do velho cemitério católico, às vezes iam olhar os restos mortais que a turma que trabalhava no desmante do morro ia encontrando. Jaziam numa caixa grande de madeira os pedaços de crâneos, ossos compridos, costelas e nós crianças olhávamos tudo aquilo entre fascinados e horrorizados.

Daquela época do primário do Colégio Santo Antônio poucas recordações de nomes de colegas me ocorrem: Ingo Passold, que encontrei no estacionamento da matriz um dia destes e ele nem me reconheceu; Harry Seelbach, bem branquinho e com o cabelo formando um chuca-chuca e que nunca mais o vi; Edgar Hahnemann, que cantava solo Hop hop hop; e apenas mais um que reencontrei várias vezes durante minha vida: Hans Augsburgger, sendo que mais recentemente fui saber que era tio avô de minha norinha Patrícia.

No fim do primeiro semestre de 1938, nossa escolinha iria ser desativada, pois fora decidido que o Colégio Santo Antônio não poderia ter mais curso primário. Em agosto iríamos para o Colégio Sagrada Família. Naquele tempo havia segregação de sexos nas escolas de padres e de freiras, mas nessa emergência, as freiras aceitavam meninos, excepcionalmente até o terceiro ano primário, ou como diziam elas, até que eles comessem a ficar sem vergonhas. No dia 1º de agosto, fomos nos apresentar meio envergonhados, com medo que nos fizessem sentar no meio das meninas. Mas não, não só ficávamos separados dentro da sala de aula, como até mesmo no recreio, o pátio era dividido: meninos para cá, meninas para lá.

Não obstante, mesmo assim me punha, às vezes, a contemplar absorto um rostinho bonito de menininha, num misto de admiração e amor platônico infantil. Dessas pequeninas musas de minha infância guardei a lembrança de duas: Eva Maria Bona, de lindos olhinhos azuis-claros e uma franjinha de cabelos escuros em contraste com a pele branquinha. Outra foi a Etha Hiedlmaier, de rostinho largo, olhos grandes azuis um pouco mais separados do que o normal, duas tranças grossas e escuras e duas covinhas lindas no rostinho branco. A Etha mais tarde voltou a ter influência enorme na minha adolescência e juventude. Outras colegas mais adiantadas das quais me lembro bem: Erika Martins, a moça russa que tocava violino nas festas da escola; Traute Hering, que corria atrás de nós no pátio, ameaçando nos dar uns tapas; as irmãs Schindler, lourinhas tão iguais que pareciam gêmeas; Miriam Kreibich, que sempre tirava as melhores notas; Martina Zoellner, de rosto corado triangular e com um bonito sorriso. Das irmãs professoras e diretora, lembro-me da minha professora Irmã Aleidis, rosto e mãos morenas e muito compreensiva; a Irmã Diretora, Irmã Alice, que me parecia uma imagem de Santa Terezinha, de tão bonita que era; e por fim a Irmã Arturis, que era nossa vovó vestida de freira. Das professoras leigas recordo-me com carinho de Dona Ismália dos Anjos, magrinha, de olhos muito vivos e expressivos, voz forte. Foi nossa professora do terceiro ano primário e último ano no Sagrada Família. Uma vez estávamos formando fila para entrar na sala de aula, quando um vento súbito e malicioso levantou a saia dela. Assustada

baixou logo o vestido, mas, numa fração de segundo, pudemos ver as perninhas dela dentro das meias escuras.

No quarto ano primário fui para a Escola Particular Pedro II, lá no alto do morro no prédio velho. A antiga Escola Alemã tinha sofrido a intervenção de campanhas de nacionalização, surgiu a Escola Nova e depois com o nome de Escola Particular Pedro II iniciava nova vida. A língua alemã ficou só como língua estrangeira em aula dada duas vezes por semana. Separavam os de origem alemã dos demais. Os não descendentes, ou caboclinhos, começavam de mais baixo: der, die, das, caligrafia gótica, etc. Os descendentes já falavam a língua, estavam mais adiantados, aprendiam a escrever cartas e composições. Minha professora de alemão era Dona Frieda Liesegang, muito distinta, dava suas aulas com uma elegância e dignidade que me encantavam. Guardo a lembrança do diretor Rodolfo Gerlach, enérgico, ríspido, principalmente com os rapazes. Dona Hilda de Sousa Schneider, que muito me incentivava e que teve grande influência no meu aproveitamento e no meu gosto pelo desenho. Não tive muito contacto com as professoras de outros cursos, mas me recordo de Dona Annemarie Tschentin, Dona Ilse Siebert, Dona Edeltraud Ramos e Dona Ecila Ferraz. Colegas: Ingomar Schulz, naquela época muito desbocado, tanto em português como em alemão. Referia-se às colegas meninas sempre como: as fêmeas. Mas, não obstante, nasceu entre nós uma amizade duradoura. Aldo Pereira de Andrade, com quem ia tratar a vaca do Sr. Alfredo Rodrigues, que ficava num estábulo atrás do

prédio dos Freygang, onde hoje é o Hotel Garden. Heinz Kumm, bom desenhista e construtor de miniaturas de ônibus e caminhões de madeira, que iam até a perfeição de detalhes; Gilberto Schneider, filho de Dona Hilda, professora, bom desenhista e muito bom colega; Maria Elisa Eger, pequenina e viva, com seus dentinhos incisivos característicos, que levavam a gente a chamá-la carinhosamente de «Foquinha»; Orlando Olinger, lourinho e gordinho como uma batata; Helga Kielwagen, lourinha, de trancinhas amarradas no alto da cabeça, de rostinho lindo e redondo, narizinho arrebitado, foi minha musa loirinha daquela fase. Creio que ela nunca soube que um dia já foi tão importante para mim.

Meu pai tinha saído do Banco Nacional do Comércio e tinha conseguido um emprego no Inco, como havia acontecido com seu amigo Raul Chatagnier. O emprego, porém, era na Matriz em Itajaí, e nossa família, que já morava há quatro anos em Blumenau, mudou-se, em fins de 1941, para Itajaí. Meu mundo desabou. Já amava esta terra e seu povo. Foi um tempo de sofrimento. O contraste era muito grande. Felizmente não demorou muito, meu pai foi convidado a vir trabalhar na Empresa Industrial Garcia e voltamos em julho de 1942 para a minha já querida Blumenau. Do Grupo Victor Meireles, de Itajaí, guardei apenas o nome de duas professoras: Dona Marcília, professora de matemática, seca e eficiente e Dona Ivone, professora de História, gorda, bonita, sempre bem maquiada. Dos colegas pouco me lembro, a Jussara, linda morena; a Arimá, com jeitinho de índia; a Maria Santo Ângelo, que dizia queria me namorar e eu vivia fugindo

dela; os irmãos Cunha: Ofelia Vieira Cunha e o Ocyron. Levei comigo ainda a lembrança do porto de manhãzinha, do cheiro de maresia e do Saco da Fazenda, onde íamos pescar camarão.

Reencontrei minha antiga turma do Pedro II e naquele ano me formei no Curso Complementar. Até bem pouco tempo eu tinha uma foto do quadro de formatura. Deve ter se perdido nas mudanças. Lembro-me que dele constavam: Carla Rieschbieter, Elvira Lindhold, Erica Kumm, Ruth Cora Hering, Ingeborg Walter, Heinz Kumm, Bonifácio Grosch, Egon Roedel, Egon Kielwagen, Ronaldo Schmidt e que me perdoem os outros que não mencionei. De todos eles conservo com carinho lembranças daquele convívio escolar que tivemos.

Depois de muita luta e até mesmo minha única reprovação, consegui passar em segunda época no exame de admissão ao Colégio Santo Antônio. Em março de 1943, envergava orgulhoso o uniforme de botões dourados e fivela dourada do Colégio. Tenho uma foto tirada no pátio do colégio, em que aparece a minha turma do 1º. ano: da letra jota em diante. Alinhadinhos em três camadas: sentados, em pé e em cima do banco. Olhando agora aquelas carinhas ainda infantis de uns e já adolescentes de outros, boas recordações me vêm à memória. Ali está o Ludovico Schaffer, que foi embora para São Paulo e nunca mais soube dele; Ludovico Drausnick, que sentava na mesma carteira que eu e que sei que está morando em Curitiba, porque vi na televisão; Paulinho Malburg, que em 1969 ou 70 foi meu professor na Faculdade de Direito; Walmor Belz, hoje médico famoso no Hospital Santa Isa-

bel; Luiz Thieme, que já conhecia de Itajaí; Joachim Meinecke, que me conseguia letras de músicas alemãs; João Marzal, hoje auditor contábil; Nelson Vieira Pamplona, que sempre tirava o primeiro lugar nas notas mensais: Pedro Benedeq, que reví gordo e próspero como autoridade judiciária; Osni Wilson Jacobsen, sempre envolvido com rádio e teatro e que soube de seu falecimento, o que muito me entristeceu; Rivadavia Wollstein, nosso famoso professor de «simplicidade cativante»; Lauro Cordeiro, o Cordeiro da Cia. Hering, bom amigo de sempre; Norberto Koffke, que encontrava com frequência e por último, mas não o menor em importância, meu bom amigo e companheiro que veio comigo do Pedro II, Ingomar Schulz. Dos professores o que mais me impressionou foi o professor Heriberto Müller, grande e gordo, meio calvo, olhinhos vivos e pequenos atrás de grossos óculos e um toco de charuto permanente entre os dedos e, além do mais, sempre enérgico. Fazia-nos tremer ao entrar na sala de aula. Professor Max Kreibich, que tinha me preparado para o exame de admissão e que já contava casos sobre a Revolução de 1924, quando estive perseguindo Prestes por esse Brasil afora. Professor Luiz Schwarz, sempre mais preocupado com o rapaz do bloco. Quanto aos professores padres lembro com carinho de Frei Euzébio Paulus, o Zebão, foi sempre meu amigo e quando foi embora de Blumenau, sempre me mandava cartões de Natal, às vezes cartas, até sua morte; Frei Fulgêncio Kaupp, o Alazão, professor de Ciências, que não conseguia pronunciar corretamente «orifício», pois o que geralmente saía era «orofício»; Frei

Waldemar do Amaral, ao qual chamávamos carinhosamente de Tatu, professor de Português; e o Padre Diretor: Frei Odorico Duriux. Estes eram da época do ginásio. Outros vieram mais tarde no curso colegial ou científico e contador.

No fim do ginásio tivemos uma novidade: Mulher no Colégio! Lieselotte Domning e a filha do Sr. Wahle (Não me recordo do primeiro nome). Foi um acontecimento!

Os recreios em que íamos nos esconder atrás da marcenaria para fumar escondido! As sonolentas aulas de educação física à tarde! Ainda mais para mim que nunca gostei de praticar esporte.

Veio então a fase do 2º. grau. Indeciso, matriculei-me no científico e, no ano seguinte, no curso de comércio. Havia matérias comuns a cujas aulas não éramos obrigados a assistir. Nossa turma agora ficou reduzida. Vários colegas foram fazer cursos técnicos, como o Silvío Marcos Fischer, que foi para São Paulo. A novidade era a presença de duas colegas: Aiga Barreto e Déspina Athanasio. Logo a Déspina se transferiu e ficou só a Aiga, que tinha paciência de ler minhas tentativas de poesias e trechos em prosa e ainda escutava minhas confidências. Foi uma das grandes amizades de minha vida escolar. Éramos onze no 3º. Científico, vamos ver se me lembro de todos. Aiga Barreto, Aldo Barreto Puetter, Nelson Vieira Pamplona, Thiemann, Joachim Meinecke, Helcio Reis Fausto, Rivadavia Wollstein, Kurt von Hertwig, Ulisses Longo, Osni Rebelo e eu. Será que não me confundi? Não me lembro do primeiro nome do Thiemann. Soube com tristeza da morte prematura do Helcio: aquela figura enorme e barulhenta, sempre com

idéias que tentava impor pelo berro; O Nelson, que me escreveu uma carta afetuosa ao ler meu primeiro capítulo de reminiscências, e que nos proporcionou uma cena da qual nunca esqueci: a luta com o Egon Greuel, de elevada estatura; depois de conseguir derrubá-lo, o Nelson começou a bater a cabeça do Egon no paralelepípedo com fúria, até que chegou a turma do «deixa disso»; Aldo Barreto Puetter, era meu colega e amigo, que passávamos as tardes fazendo nossos trabalhos escolares juntos e aos fins de semana íamos aos bailes e cinema; Kurt von Hertwig, que apesar do sobrenome nobre era de uma simplicidade plebéia; O Rivadavia, que seguiu a carreira de professor universitário com brilhantismo; o Osni Rebelo, que me faz lembrar o Rolando Lero da escolinha do professor Raimundo, sempre bem vestido e falante.

Os professores do científico: Frei Gaudêncio Maria Engelhart, o nosso Cacique, diziam que não tomava banho, nem cortava os cabelos porque tinha ataque e que falava várias línguas: inglês britânico, espanhol da andaluzia; Frei Reginaldo, que com a falta de um dedo, conseguiu incutir na turma o gosto pela matemática, frei Odo Rosbach, que nos ensinava filosofia e física, dando boas e gostosas gargalhadas com os resultados absurdos que conseguíamos nos problemas que íamos resolver no quadro negro. No curso científico ainda, frei Ernesto Emendoerfer voltou a ser diretor do colégio. Dinâmico, eficiente, enérgico, ia pessoalmente policiar as entradas furtivas dos retardatários, que sorrateiramente procuravam entrar no colégio, depois das sete e meia, pelas entradas dos fundos na rua Se-

te de Setembro. Nós alunos chamávamos frei Ernesto de «Touro».

No curso de Contador tive ainda como professores: Martinho Cardoso da Veiga, já famoso e ilustre contabilista e advogado, dava as aulas fumando um cigarro atrás do outro; Rômulo Silva, era contador da Estrada de Ferro, lecionava Contabilidade Pública, da qual era conhecedor profundo; João José Klein, ou como chamávamos Jacó Klein, excelente professor de matemática comercial, naquela época magrinho, mas já um gourmet e tanto; Germano Süsseseger, uma verdadeira máquina de ensinar matemática, repetia várias vezes em seguida a explicação até que todos tivessem compreendido; frei Eurico, da merceologia; frei João Crisóstomo Arns, o frei Jacaré, ou o Boca de Ouro, que ainda vive aqui em Curitiba.

Como colegas do curso de contador da minha turma tive: Francisco dos Anjos, era caixa do Banco do Brasil e que sempre vejo aqui em Curitiba; Fábio Magnani, era contador da Cia. Schrader e estava sempre em dia com as últimas leis e jurisprudências; Heinz Schwarz, vítima das perguntas difíceis do Professor Rômulo; Gertrud Martins, que me ensinou algumas frases em russo; Maria Alcina Brandão da Veiga, que era a colega mais bonita da classe; Wolfgang Werner, ainda recém-chegado da Alemanha, onde tinha passado a guerra toda e outros que não deixaram em minha memória lembranças duradouras.

Com o término do curso científico, chegou praticamente o fim de minha vida escolar. No ano seguinte, 1950, concluí o curso de contador e me casei, iniciando também minha vida profissional.

Naquele prédio antigo do Colégio, ficaram as lembranças de minha infância e adolescência, impregnadas naquelas paredes, em cada pedrinha e cada grãozinho de areia do velho pátio, acompanhadas das alegrias, das máguas, das decepções e tristezas. Os antigos colegas e as velhas amizades com certeza irão se lembrar de tudo o que aconteceu por lá; as brincadeiras e as brigas, as trocas de confidências e dúvidas, os namoros que surgiram e que deram em casamentos, e, finalmente os problemas daquela idade incerta: não mais crianças para brincadeiras e ainda imaturos para as responsabilidades da vida. Quantos sonhos nossos que não se realizaram ou, pelo menos, não daquela maneira que pensávamos que fossem se reali-

zar! Nossa geração foi a geração do após-guerra, o mundo semi-destruído começava a se reerguer. Os garotos de topetes enormes e as moças de saias rodadas dançavam «swing» e bebiam uma bebida nova: Coca-Cola. O mercado se enchia de artigos de matéria plástica. O mundo se renovava. Nós sonhávamos com o futuro.

Do mundo de sonhos do passado, uma melodia saudosa me ocorre, um canto que nas aulas de música era meu preferido: «Como são belos os verdes anos, felizes, não voltam mais! Passa-se o tempo e a primavera, a mocidade não volta mais! Não voltará jamais, nunca, ó nunca mais! A mocidade não volta mais!»

Rui Moreira da Costa

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (III)

Pe. Antônio Francisco Bohn.

ANO DE 1916:

Termo 1: Renovação das proviões de: vigário, coadjutor, faculdades A e B, missas e de Conselhos de fábrica, da matriz e capelas, em 31.01.

Termo 2: Celebração da 1ª. Eucaristia de 74 crianças na matriz, em 10.09.

Termo 3: Provisão de bênção das imagens do S. Coração de Jesus, Imaculado Coração de Maria, São José, São Francisco e Santa Inês, em 21.12.

Termo 4: Provisão para a construção de uma capela no Baú e licença para a venda de um terreno pertencente à matriz, em ... 31.03.

Termo 5: Faculdade para ben-

zer a nova capela no Baú, em ... 21.12.

Termo 6: Referência ao aviso nº. 14, sobre as más leituras (sem data).

Termo 7: Relatório da administração paroquial de 1916: famílias católicas (1.100), não católicas (32), batizados (364), casamentos (61), confissões (12.500), comunhões (13.780), las. Eucaristias (162), viáticos (203), unções (195).

ANO DE 1917:

Termo 1: Provisões de: vigário, coadjutor, faculdades A e B, de celebração de missas, de Conselhos de fábrica da matriz e capelas, em 31.01.

Termo 2: Bênção das novas imagens da matriz, em 21.01.

Termo 3: Carta Pastoral de D. Joaquim sobre os Recursos da Religião (sem data).

Termo 4: Provisão de bênção de um cemitério no Baú, em ... 10.12.

Termo 5: Relatório da administração paroquial de 1917: batizados (355), casamentos (77), confissões (10.549), comunhões (11.471), unções (110), las. Eucarísticas (136), práticas (373).

ANO DE 1918:

Termo 1: Provisões de: vigário, coadjutor, faculdades A e B, de celebração de missas, de Conselhos de fábrica da matriz e capelas, em 31.12.1917.

Termo 2: Bênção da capela de Nossa Senhora do Baú (05.01.) e do cemitério (19.03.)

Termo 3: Licença para a bênção das imagens de São Paulo na matriz e de São Wendelino, em Belchior, em 24.05.

Termo 4: Bênção das imagens acima citadas na festa de Corpus Christi de 1918.

Termo 5: Na mesma festa, bênção do novo altar-mor da matriz.

Termo 6: Relatório da administração paroquial de 1918: Casamentos (57), batizados (397), confissões (11.474), comunhões (12.874), unções (125), las. Comunhões (105), viáticos (125), pregações (416).

ANO DE 1919:

Termo 1: Renovação das Provisões de: vigário, coadjutor, faculdades A e B, celebração de missas e dos Conselhos de fábrica da matriz e capelas, em 31.01.

Termo 2: Licença para alargar

o cemitério da matriz e benzer solenemente a nova parte, em 16.02.

Termo 3: Provisão para benzer e expor a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição e licença para celebrar uma missa na gruta de Nossa Senhora de Lurdes, em 28.04.

Termo 4: Bênção da gruta de Nossa Senhora de Lurdes com missa, em 03.05.

Termo 5: Relatório da administração paroquial de 1919: número de católicos (8.000) não católicos (550), batizados (359), casamentos (70), comunhões (14.106), las. Eucarísticas (242), visitas (136), prédicas (409), catequeses (550).

ANO DE 1920:

Termo 1: Tomada de posse do novo vigário Fr. Januário Schwarzhopf, em 17.01., do coadjutor Fr. Solano Schmitt em 27.01. de acordo com o capítulo provincial.

Termo 2: Reabertura da escola paroquial no início de fevereiro.

Termo 3: Visitas às capelas: 1º. domingo (Gasparinho), 2º. domingo (Baú), 4º. mingo (Baú), 4º. domingo (Ilhota.)

Termo 4: Doutrina cristã nas escolas de Poço Grande (2º. feiras). Barracão (4ªs. feiras), Belchior (6ªs. feiras).

Termo 5: Realização das festas de Nossa Senhora de Lurdes (03.05.), de São Pedro (29.06.) e de Nosso Senhor Bom Jesus .. (06.08.)

Termo 6: Carta Pastoral de D. Joaquim sobre a Importância da Instrução (sem data).

Termo 7: Pedido para que as irmãs da Divina Providência assumam a escola católica da sede. Resposta favorável em 05.10.

Termo 8: Exames finais das

escolas: na sede com 52 crianças (04.12.), Gasparinho, com 49 alunos (07.12.), Poço Grande, com 23 alunos (15.12.).

ANO DE 1921:

Termo 1: Movimento religioso de 1920: batizados (420), casamentos (82), confissões (14.100), comunhões (14.620), las. Eucaristia (112), viáticos (100). alunos das escolas paroquiais (128).

Termo 2: Provisões de celebração de missas, Conselhos de fábrica da matriz e capelas, em ... 31.01.

Termo 3: Provisões em favor de Fr. Anselmo Boekenholt como novo vigário e de Fr. Solano como coadjutor. Provisões de faculdades, em 31.01.

ANO DE 1922:

Termo 1: Movimento religioso referente ao ano de 1921: Batizados (421), casamentos (45), confissões (15.215), comunhões ... (16.625), las. Eucaristia (140), viáticos (112), alunos das escolas paroquiais (155).

Termo 2: Provisões de celebração de missas, Conselhos de fábrica da matriz e das capelas, em 31.01.

Termo 3: A festa de N.S. de Lurdes que sempre era celebrada no dia 31.05. foi transferida para 08.12.

Termo 4: Provisões em favor do vigário e coadjutor e de faculdades. até 31.03.1923.

UNIVERSIDADE PÚBLICA

Culpada ou inocente?

Lucila Rupp de Magalhães

Em recente seminário promovido pela Comissão de Educação do Senado Federal sobre o tema Educação: O desafio do ano 2000, o senador João Calmon, considerado, como bem disse o professor Christovam Buarque, um baluarte da educação, por unanimidade nacional, posicionou-se sabiamente, reconhecendo o valor inquestionável da Universidade brasileira e acrescentando "se uma universidade é deficiente devemos eliminar suas deficiências e não eliminá-la".

Em função desse binômio — valor inquestionável e deficiências existentes, consideramos que deva ser procedida uma análise, na qual certas definições tornam-se indispensáveis, como:

Quais são os préstimos que uma Universidade deve oferecer à comunidade que serve?

O que a comunidade deseja desta instituição como produto do trabalho por ela desenvolvido?

Qual o produto que efetivamente a Universidade vem oferecendo à sociedade através do seu trabalho?

Quais as condições existentes e quais as necessárias para que esse trabalho possa ser desenvolvido em níveis satisfatórios?

A iniciativa dessa análise deveria partir da comunidade universitária, envolvendo a sociedade de uma maneira geral, a sua própria administração, seus professores, alunos e funcionários.

Aqueles que vivem a Universidade com seriedade sabem que existe um trabalho e conseqüente produto que vem sendo oferecido, mas reconhecem também que este pode ser melhorado e que realmente ocorrem deficiências e omissões.

A estes caberia, objetivando a preservação da dignidade acadêmica e profissional e do próprio crescimento pessoal, desencadear esse processo. Como integrantes do todo. Abordando-a no contexto nacional, verificando as variáveis externas e internas que determinam o quadro que se configura na caracterização desta instituição. Não deixando de inserir-se nesta análise como parte de sua totalidade. Revendo suas próprias ações, sem passionalismos ou acusações estéreis, não se deixando levar pelo falso conceito de ética que vinga ultimamente em muitas categorias — quando todos se unem para acobertar suas próprias falhas.

Uma postura despojada de defensivas por parte desses sujeitos é atitude imprescindível para que se faça uma análise crítica e consciente do desempenho universitário, da qual resultem propostas que beneficiem a sociedade e oportunizem mudanças sociais dirigidas para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida, por meio do conhecimento construído nas Universidades.

Neste sentido debruçar-se sobre as deficiências identificadas, discuti-las, dissecá-las, lidar com as próprias mazelas buscando formas de corrigi-las é um caminho indicado para que se consiga crescer em termos acadêmicos e profissionais.

Abordando essas deficiências unicamente como conseqüência de variáveis externas, a comunidade universitária deixa de lado as variáveis internas, próprias do seu universo, não se vê como sujeito integrante deste quadro e o máximo que consegue é iludir-se a si mesma.

A convivência com deficiências notórias amplamente divulgadas, atinge e fragiliza toda a instituição. Alguns exemplos passam a ser generalizados e constituem-se em elementos que permitem que seja configurada uma falsa situação de inoperância, descompromisso e irresponsabilidade, a qual é utilizada para justificar procedimentos intencionais por aqueles que desejam destruir a Universidade pública brasileira.

LUCILA RUPP DE MAGALHÃES é Diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia e Mestre em Educação. É catarinense de Campos Novos.

ADENDA À BIOGRAFIA DE SEBASTIÃO FERNANDES CAMACHO

Antônio Roberto Nascimento

Os estudos genealógicos são sempre um saco sem fundo. Já havíamos concluído uma pequena biografia do Capitão — Mor Sebastião Fernandes Camacho quando descobrimos alguns deslizes de nossa autoria, que intentamos agora retificar.

Domingos Lopes Sertão e sua mulher Paula Moreira, além da filha Paula Moreira, de mesmo nome da mãe, tiveram também a filha Domingas Gonçalves, casada, por volta de 1720, com (ilegível)... Manoel da Costa... (ilegível)... de Siqueira, filho legítimo do finado Pedro dos Anjos e de sua mulher Maria da Anunciação ou de Assunção, segundo se vê no primeiro livro de casamentos da Catedral de Florianópolis.

Aos 20.1.1720, outrossim, casou Manoel Bicudo Camacho, natural de Curitiba, filho legítimo de Antônio Bicudo Camacho, já falecido, e de sua mulher Maria dos Passos, com Paula Moreira, natural da Ilha de Santa Catarina, filha legítima de Domingos Lopes Sertão e de sua mulher Paula Moreira, de acordo com a mesma fonte.

Antônia de Sousa, viúva de Domingos Antônio Rachadel, casou, pela mesma época (id.ib.), com Luiz Martins, natural da freguesia de Albuquerque (?) de Sousa, Reino de Algarve, sendo testemunhas Martinho de Amorim e Francisco Antônio Branco.

O Capitão Domingos de Carvalho Quintal e sua mulher Sebastiana Fernandes Camacho tiveram a filha Mariana de Quintal, casada, ainda conforme a mesma fonte, aos 06.1.1726, com Francisco Machado, filho legítimo de Bartolomeu Pereira de Fontes — aqui retifica-se outro engano nosso — e de sua mulher Maria Machado, que são dados como moradores da Ilha de São Jorge.

O Martinho de Amorim Pereira, citado por CABRAL (Raízes, p. 103), filho de Francisco de Amorim Pereira e de Ventura Pereira, era natural da Vila do Conde, conforme é qualificado quando testemunha o casamento de Ana da Silva no sobredito primeiro livro de casamentos.

Isabel Rodrigues de Mira, viúva, natural da Ilha de Santa Catarina, casa, aos 27.4.1740, com Manoel Barbosa, que deve ser o que veio “para sentar praça” (Raízes cit., p. 140), sendo testemunhas, Francisco Antônio Branco e Manoel Rodrigues de Araújo (id.ib.).

É possível que Salvador de Sousa Brito e sua mulher Theodósia Rodrigues Velha fossem também os pais de Domingas Rodrigues de Sousa, natural da Ilha de Santa Catarina, casada, nos primórdios do Desterro, com Lourenço Rodrigues Pallácio, natural da mesma freguesia e morador no Saco de Itacorubi, de acordo com o batismo da filha Ana, aos 06.3.1755. Cremos, outrossim, que dito Lourenço fosse filho de Francisco Rodrigues Pallácios e de sua mulher Maria Martins Pereira, cuja filha Maria Rodrigues Pallácio, ou Rosa Pallá-

cio, era casada com o hispânico Pedro Lopes, natural da freguesia de S. José de Deus da Vila Nova del Rei, Bispado de "Bayoli" (sic), filho de Santos Lopes e de Patrícia de La Engina, conforme batismos dos filhos: Joaquim, em 1º.9.1755, e Ana, aos 23.4.1752 (registros da Catedral de Florianópolis). Outra filha desse casal, Catarina Rodrigues Pallácio, também natural da Ilha de Santa Catarina, foi casada com Antônio Monteiro de Siqueira, natural da Vila de Paranaguá, segundo o batismo da filha Inocência, aos 08.1.1753 (id.ib.).

No casamento de Domingos de Almeida Pais, natural da Vila de Santos, com Esmênia Rodrigues, natural da Vila de Cananéia, aos 15.5.1742, testemunhas foram o "Capitão João Bicudo Cortez, natural desta freguesia" (sic) e o Capitão Antônio da Silveira (ou Livramento, ou Oliveira) Bastos natural de Lisboa, o que acrescenta mais um título ao filho de Antônio Bicudo Camacho e de Maria dos Passos Duarte.

Além dos filhos referidos, houve também um Domingos Antônio Rachadel, ou Rochadel, talvez Júnior, casado com Maria Joaquina, cuja filha Felisbina, de três anos de idade, faleceu aos 03.4.1797, segundo obituário no primeiro livro da Catedral de Florianópolis.

Por ora, cremos ser essa a adenda por fazer à biografia do Capitão — Mor Sebastião Fernandes Camacho.

«FOLHAS DO PASSADO»

Sueli Petry

Em recente manuseio na documentação referente às comemorações alusivas ao 1º. Centenário de Blumenau, fui atraída por um artigo que o jornal «A Nação» publicou em sua edição especial para o evento, sob o título «Folhas do Passado».

Trata-se de fragmentos do diário de uma imigrante anônima que procurou registrar o cotidiano da Colônia Blumenau no período de 1853 a 1855. Relatou neste documento as dificuldades enfrentadas para superar as vicissitudes de uma colônia emergente.

O conhecimento deste diário só foi possível na época graças a colaboração da senhora Elizabeth Maria Scholz, que o tornou público há 40 anos atrás com a sua publi-

cação naquele conceituado periódico.

Vejamos a seguir, o teor do diário:

«Agosto de 1853:

Estamos agora há três meses no Brasil, na Colônia fundada pelo Dr. Hermann Blumenau em 1850. Quando deixamos a nossa terra natal ansiávamos por conhecer este novo país, grande e rico. Ouvimos tantas histórias fabulosas e impressionantes, que meus pais resolveram imigrar para lá, a fim de melhorarem sua sorte. Não tínhamos sido infelizes até então, no entanto, repetidos golpes financeiros e sobretudo o espírito aventureiro de meu pai, estimularam-nos a realizar a imigração para o gran-

de país de além mar. O pequeno barco, em que fizemos a travessia do oceano, levava muitos imigrantes, todos eles desejosos de iniciarem a vida de colono nas terras tão decantadas pelo Dr. Blumenau e logo nos sentimos muito unidos por demandarmos a mesma sorte. Após longa viagem nosso navio atracou num pequeno porto — Itajaí — um lugar com uma igrejinha e algumas casas apenas. Não era, porém, nosso destino.

Toda bagagem que trouxemos, roupas, apetrechos de cozinha, poucos móveis e algumas ferramentas foram embarcadas em canoas e iniciamos a viagem Rio Itajaí acima, ansiosos para chegar a Blumenau. Dois dias remamos contra a correnteza, até divisarmos as primeiras cabanas pertencentes aos que nos precederam na aventureira empresa.

O próprio fundador da colônia veio receber-nos para nos dar as boas vindas e em seguida encaminhamo-nos todos para o rancho dos imigrantes, que nos oferecia teto e alimento para as primeiras semanas.

Não sei descrever o vagalhão de impressões que me invadiu ante o estranho ambiente que se me deparava. Era tudo tão esquisito, tão diferente, a natureza, o céu, os costumes, os alimentos... Todos nós nos sentíamos desambientados e uma grande nostalgia invadiu-nos o coração.

Entretanto, não tínhamos tempo para dedicar-nos a sentimentalismos, pois o trabalho requereria todo nosso tempo e todo o esforço possível. No dia após a nossa chegada, papai tratou com o Dr. Blumenau a questão do lote que desejava comprar e tudo ficou acertado. Recebemos uma extensão de ter-

ra junto a um dos afluentes do Rio Itajaí e já nos próximos dias tínhamos que tratar da construção de nossa casinha. O material foi todo por nós colhido: partimos os troncos e as palmeiras e os ligamos com cipós, formando assim as paredes. Com as folhas que entrelaçamos e amarramos às ripas, fizemos o teto. Junto às paredes ligamos uns paus por meio de cipós e construimos assim nossos leitos. Os poucos móveis que trouxemos não nos podem dar conforto e o mobiliário que nos falta, é substituído por troncos de árvores e caixotes. Outro problema ao qual só lentamente me habituo é o da iluminação à noite. Empregamos velas de sebo ou azeite de baleia mas, como agora não o encontramos na colônia, ensinaram-nos a usar um velho tronco de ariribá, cujas lascas acesas produzem uma boa claridade.

Logo que concluímos a armação de nossa casa, toda a família teve que se dedicar à cultura de nosso lote. Papai, com poucos homens, iniciou a derrubada das árvores e fez a queimada e agora, mamãe, meus irmãos e eu temos que tratar da terra e prepará-la para o plantio da mandioca, do milho e da cana. Também desejamos plantar algum feijão, batatas e legumes. Carne fresca comemos apenas duas vezes desde que aqui chegamos. Alimentamo-nos de feijão, fubá, pão de farinha de mandioca, palmito e carne seca. Só quando papai dispõe de tempo para caçar é que sentimos novamente, quão deliciosa é a carne fresca. No entanto, nosso tempo é tão escasso, que não podemos perdê-lo com a prática de esportes, mesmo que esta traga um alimento melhor. Trabalhamos muito, desde a madrugada

até o crepúsculo e nossos corpos ficam doloridos, os pés incham e as mãos estão calosas e feridas. À noite dormimos profundamente, refazendo-nos um pouco e haurindo novas forças para as fadigas que o dia seguinte traz consigo.

Com tanta labuta e tanto cansaço não sinto vontade de descrever detalhadamente nossa vida neste novo ambiente. Os dias seguiam-se sempre iguais, e sempre o trabalho, impiedoso e interminável que nos espera. Ainda não colhemos muitos frutos de nossos esforços, porém temos um teto que nos abriga e muitas esperanças nos corações.

OUTUBRO DE 1853

Hoje é domingo, um dia que também nós, colonos, santificamos e é quando conseguimos descansar um pouco. Pela manhã, reunimo-nos todos, na hospedaria, onde o Dr. Blumenau instalou seu escritório e ouvimos as palavras cristãs e confortadoras, do professor da nossa escola, que foi instalada há pouco tempo. Como não temos pároco é ele quem todos os domingos e feriados nos dirige uma mensagem evangélica que nos reanima e entusiasma para prosseguirmos no trabalho empreendido. E assim o fazemos, apesar de não ter sido tão grande o progresso de nossa colônia durante este ano.

DEZEMBRO DE 1853

O mês que passou foi angustioso e triste para toda a colônia. Temporais violentos e copiosas chuvas fizeram transbordar o Rio Itajaí, cujas águas tudo alagaram. Foram assim grandes os estragos para a lavoura e também nossas plantações que tanto prometiam foram muito danificadas. O mais

triste porém, foram diversos afogamentos que se verificaram nas águas traiçoeiras deste rio, que parece tão nosso amigo. Preciosas vidas se extinguíram e todos nós que nos sentimos uma grande família, sofremos com isto.

MAIO DE 1854

Nossa vida continua laboriosa e rotineira e pouco há para relatar. Novos imigrantes chegaram, aumentando assim nossa comunidade. Trabalhamos intensamente em nossas plantações e, agora que já estamos há um ano na colônia, fizemo-nos quase completamente das dificuldades de aclimatização. Apenas mamãe, que sempre foi um pouco frágil, sofre muito com o pesado trabalho que a vida dela exige. Padeço imensamente com ela porém, que posso eu fazer, a não ser aliviar-lhe o fardo oneroso na medida de minhas forças?

SETEMBRO DE 1854

Recebemos hoje uma notícia que nos amedrontou bastante. Já ouvimos falar das onças que andam rondando a colônia, porém nunca demos inteiro crédito a tais narrações. Esta noite porém, uma delas invadiu o chiqueiro de um dos colonos, cujo lote não fica muito distante do nosso. Acordando com o ruído esquisito, o colono se levantou e verificou que a onça lhe tinha matado um porco, deliciando-se com ele no próprio curral. Imediatamente, armou-se o colono com sua espingarda, espreitou o animal e puxando o gatilho, conseguiu feri-lo. Ela, rugindo ferozmente, fugiu para o mato, deixando atrás de si um rastro sangrento. Agora alguns dos colonos seguem as pegadas do animal, para ver se não encontram mais algum vestígio. Toda

a colônia está apavorada e fazemos intensos rogos a Deus para que nos livre deste grande perigo.

NOVEMBRO DE 1854

Os trabalhos continuam sempre e, apesar dos revezes que de quando em quando nos atingem, não desanimamos em nossa empresa e prestamos auxílio uns aos outros na medida do possível. Aos domingos reunimo-nos ora na casa de um ou ora na de outro dos amigos e aí homens e mulheres discutem seus múltiplos problemas e todas as suas apreensões. Gosto deste intercâmbio de idéias; poderia escutar horas a fio estas conversas, apreciando a grande experiência que todos em todos os sentidos, já adquiriram. Hoje, que também é domingo, fomos à casa de nosso vizinho mais próximo e aí se falou muito nas grandes dificuldades que, ora, pesam sobre a nossa colônia. Um dos homens, que convive mais intimamente com o Dr. Blumenau contou-nos que ele está muito abatido e desalentado. E, neste estado de desânimo, ele se sente exausto, impossibilitado de trabalhar e acha que emprega inutilmente as energias que lhe restam. Desejo sinceramente que ele encontre consolo no que já realizou, e todos nós, que o estimamos deveras por sua honestidade e capacidade de trabalho, almejamos que deposite em sua colônia as mesmas grandes esperanças de que somos possuídos.

JUNHO DE 1855

Agora nossa colônia está em condições muito melhores e, para breve esperamos grande número de novos imigrantes. Quero porém, relatar consciamente como conseguimos melhorar a nossa situa-

ção geral. Andava o Dr. Blumenau desanimado com os poucos recursos financeiros de que dispunha e este pessimismo principiou por alastrar-se por toda a colônia. Foi então que o nosso Colonizador resolveu dirigir-se ao governo imperial e viajou para o Rio de Janeiro. Expondo aí suas dificuldades, conseguiu em abril, firmar um contrato pelo qual o governo o auxiliará com dinheiro. Não sei quanto a colônia receberá, mas pelo que papai ouviu, parece que para o primeiro ano, o Dr. Blumenau conseguiu 25 Contos e para os seis anos vindouros dez contos por ano. Isto realmente é uma grande ajuda e, segundo se fala, devem vir muitos imigrantes ainda este ano e nos anos próximos. Assim, seremos muitos mais, e maior número de plantações produzirá maiores safras.

OUTUBRO DE 1855

Andamos agora mais satisfeitos com nossas condições de vida. Mamãe está passando relativamente bem e meus irmãos, já bem crescidos, ajudam com grande aplicação, na roça e nos currais. Conseguimos criar alguns porcos e nossas galinhas nos fornecem grande quantidade de ovos. Papai orgulha-se muito de tudo que conseguimos realizar a custa do próprio esforço. E eu o admiro por sua incrível tenacidade e chamo de heróicos os esforços e as conquistas de todos os colonos de Blumenau. Aprendi a amar esta nova terra em que vivemos e procuro penetrar os segredos de suas misteriosas selvas de toda a imensidão que nos envolve.

NOVEMBRO DE 1855

Hoje chegou a embarcação que

periodicamente sobe o Itajaí, trazendo cartas ou jornais. E, desta vez havia também uma mensagem para nós, vinda de nossa longínqua terra natal. Tia Margarida, a única irmã viva de mamãe escreveu-nos. Está só e com a saúde muito abalada, sentindo-se saudosa de todos nós. Reunimo-nos então, a fim de conferenciarmos sobre o auxílio que poderíamos prestar à nossa querida tia. E mamãe, com a solicitude de sempre, acha que eu devo me preparar para voltar à antiga pátria e amparar a titia. Nossos recursos financeiros permitem esta viagem e todos somos de opinião de que a caridade não deve temer os sacrifícios. Assim, preciso aprontar minha bagagem e preparar meu espírito para uma longa separação de minha família, dos amigos, da nossa colônia enfim, que para todos sintetiza o ideal de uma vida.

2 DE DEZEMBRO DE 1855

Amanhã partirei com a embarcação do correio, para Itajaí e ali tomarei o navio que me levará para longe. Ainda não me inteirei do que isso significa para mim. Hoje à tarde fiz um passeio de despedida pelo centro da colônia e já agora, sinto pungente saudade de tudo que tanto amo e que vou deixar. Porém, não será interminável esta separação. Algum dia voltarei, e estou certa disto, e então abraçarei os velhos e heróicos amigos e me maravilharei com aquilo que, em anos de luta, fatigantes, conseguiram criar. Nas sombras desta minha última noite aqui em Blumenau, entrevejo-a como cidade palpitante de progresso, rica e audaciosa, sempre trilhando seu caminho para a frente. E, nestas singelas folhas, deixo o meu adeus sincero e sentido a este lindo recanto a que me uni de coração, para toda a vida.»

Errata

Na edição do mês passado (nº. 8), o artigo «Giovanni Rossi: Um Anarquista Italiano na Região de Blumenau», nas páginas 227 a 233, saiu com algumas incorreções. Na pág. 228, coluna 2, linha 16, foi omitido o seguinte trecho: **...trata-se de uma narração «quase fantástica que tem ainda como protagonista uma rapariga de nome Cecilia. Nas páginas emerge também a figura do Rossi no panorama político italiano da época; o ideal do autor é a transformação imediata da teoria para a prática sob forma de**

aplicação dos conceitos revolucionários. Mas esta efervescência doutrinária não foge ao controle do governo italiano, e de fato, em 1878, Rossi é detido após uma provocação» da polícia...

Ao pé da mesma página (NOTA), onde se lê «militantes itajaienses», deve-se ler, **militantes italianos.**

Na pág. seguinte (229), no final da coluna 2, onde se lê «Giovanni Rossi se alcoólicas», deve-se ler, **Giovanni Rossi se improvisou comerciante de bebidas alcoólicas.**

UM POUCO DA HISTÓRIA DE APIÚNA

(Extraído do livro de Manoel Deretti — “Apiúna nos Meus Apontamentos”).

O ELEMENTO ABORÍGENE

“São muitos seus filhos, de ânimos fortes
Temíveis nas guerras, que em densas coortes,
Assombravam das matas a imensa extensão” (Gonçalves Dias).

A maioria dos selvagens que habitavam o Alto e Médio Vale do rio Itajaí, eram botocudos. Eram robustos, de estrutura física proporcionada, estatura média ou baixa, cabelos duros, pretos e lisos, cor bronzeada, maçãs do rosto saltadas. Seus descendentes vivem hoje aldeados no Posto Duque de Caxias, no lugar denominado rio da Prata, município de José Boiteaux.

Os moradores primitivos tiveram que lutar tenodadamente contra esta tribo. Dois imigrantes da família Chiaratti, foram mortos pelos índios, quando estavam em seus trabalhos de lavoura, longe de seus ranchos. Em Morro Pelado massacraram a João Fanton. Em Ribeirão Basílio, mais de 100 silvícolas atacaram as moradias de emboscada. Destacou-se então pela bravura André Ferrari, que em meio ao sibilar das flexas lutou corpo a corpo com os agressores. (*). Em outras localidades vizinhas feriram pessoas com flechas e afogaram crianças nas vasilhas de leite. Ainda hoje são guardadas ferramentas e armas de pedra que os botocudos usavam.

Durante a revolução constitucionalista de 1932, estando meu batalhão aquartelado em Itararé (SP), (**), na mesma corporação se achava um soldado conhecido por Martim Bugreiro, já maduro em idade. Contou-me que em Santa Catarina “tinha liqüidado muitos bugres”. Não me esclareceu se se tratava de coroados ou botocudos. Declarou-me, porém, que em grupos armados, penetravam à noite nas choças dos índios e matavam a todos quantos lá estivessem dormindo, a fio de facão, não poupando mulheres e crianças.

Anos mais tarde, encontrei-me em Apiúna com Luciano Raimundo, falecido aqui com os seus 90 anos de idade, o qual confirmou o que falou Martim Brugeiro. Ele mesmo fazia parte das chacinas... (***)

O livro “Centenário de Blumenau” relata que de 1852 a 1914,

(*) Refere a tradição graciosa circunstância sobre o fato citado. André teve que lutar de arma branca, por um boicote de sua arma de fogo. Tentou desfechar vários tiros, mas o rifle falhava cada vez que o punha em ação, e os índios zombando, figiam cair mortos...

(**) O autor destas páginas serviu nas tropas do governo, na revolução constitucionalista de 1932, como 1º tenente (nota do revisor).

(***) no dia 22 de setembro de 1914, pelo Serviço de Proteção aos Índios, foi assinada em Ibirama a pacificação dos Botocudos de Santa Catarina. Achem-se hoje aldeados no citado posto Duque de Caxias, sob a direção de seu pacificador, Dr. Eduardo Lima e Silva Hoerban. Os remanescentes coroados juntaram-se aos seus antepassados, posteriormente aldeados nos sertões de Garapuava, no Paraná.

a Colônia e adjacências sofreram 61 ataques de nativos Botocudos e Coroados, que mataram e feriram a muitas pessoas. Estas notas desumanas por parte tanto de índios com de brancos, tem sua expressão máxima quando os guardas das matas eletrizavam as cêrcas de arame, perecendo traiçoeiramente muitos aborígenes, eletrocutados.

Aconteceu...

Mês de agosto de 1991

— DIA 1º — A imprensa (JSC) noticia com destaque os nomes dos vitoriosos no concurso de monografia sobre a história da FURB. São eles o jornalista Luiz Antônio Soares e a Professora-historiadora Suely Maria Vanzuita Petry. "Uma contribuição para a história da FURB", foi o título do trabalho vencedor. A Comissão julgadora, foi composta pelos professores Olivo Pedron, Braulio Schloegel, Sálvio Mueller, Rivadávia Wellstein e Luiz Wendelino Colombi. Ainda segundo a notícia, os vitoriosos receberam seus prêmios em solenidade realizada na noite de terça-feira, dia 30 de julho.

— DIA 2 — No Teatro Carlos Gomes, apresentaram-se as bandas covers "Guns N'" e Pink Floyd. O espetáculo levou ao TCG bom público.

— DIA 2 — O frio intenso que atingiu o sul do país, alcançou, na cidade de São Joaquim, a marca de 10 graus negativos, fato que não acontecia há 32 anos no planalto catarinense.

— DIA 2 — Foi instalado em Blumenau, sob a coordenação da Delegacia da 3ª. Região Circunscripcional, o 23º. Encontro de Delegados de Polícia de Santa Catarina. Incluindo-se as esposas que participaram do mesmo, o número de participantes foi de aproximadamente 200 pessoas. Um dos pontos altos do encontro, foi uma assembléia realizada no Centro de Convenções do Hotel Himelblau, ocasião em que foi aprovado o Código de Ética da categoria.

DIA 3 — Neste dia, Blumenau registrou a menor temperatura dos últimos vinte anos. Na madrugada, os termômetros chegaram a registrar três graus positivos. Em todo o município houve forte geada, formando camadas de gelo de até cinco centímetros.

— DIA 5 — A Divisão de Promoções Culturais de FURB promoveu exposição de trabalhos dos alunos do Curso de Entalhe, orientado pelo prof. Alfredo Bellicanta. A solenidade de abertura deu-se às 20 horas. Foram participantes os alunos Aliane Saut Silveira, Francisco Schatz, Irineu Raizer, João de Deus de Oliveira, Katly Ioni, Maria Sulimar Bernardes, Pierina Loni Lourenço, Richard Douglas Ewald e Ruy César.

— DIA 6 — Perante vários assessores do primeiro escalão, tomou posse no cargo de Secretário de Finanças da Prefeitura, o ex-gerente do BESC, sr. Lohar Stein, aceitando assim ao convite que lhe havia sido feito pelo prefeito mu-

nicipal. A solenidade de posse de Lothar Stein foi presidida pelo prefeito Victor Fernando Sasse. O cargo achava-se acumulado com o Secretário de Administração Caetano Deeke de Figueiredo. Entre as palavras pronunciadas pelo prefeito Sasse, destacamos as seguintes, quando se dirigia ao novo Secretário: "Cumpra a lei, é só o que posso dizer ao novo Secretário de Finanças".

— DIA 7 — Cerca de 200 canecos em forma de seios, foram apreendidos nesta tarde no comércio de Blumenau. A apreensão, feita por policiais, foi feita no cumprimento de mandado de busca e apreensão emanado da justiça e a pedido do prefeito municipal.

— DIA 7 — Neste dia, às 19,30 horas, tiveram reinício, no Departamento de Cultura, as aulas de "Desenho Aplicado à Indústria", que é ministrado pela conhecida e aplaudida escritora Paloma, professora de artes plásticas e desenho industrial. O curso foi aberto com 12 alunos.

— DIA 8 Foi aberta exposição de artes plásticas na Galeria Municipal de Artes. Participaram as artistas plásticas blumenauenses Beatriz Bolemann, Érica de Araújo, Gudrun Heyde, Julieta Bruning, e Regina Locatelli. Parte da arrecadação com a venda das obras, destina-se a colaborar com a Rede Feminina de Combate ao Cancer.

— DIA 8 — Em Brusque, realizou-se a solene inauguração da "Casa de Brusque", que passou a abrigar o acervo histórico da cidade, ou melhor, da comunidade do Vale do Itajaí-Mirim. A iniciativa de Ayres Gevaerd, dentre outros cidadãos brusquenses, permitiu que a "Casa de Brusque" se tornasse detentora de importante acervo arquivístico e museológico, devidamente catalogados e resguardados.

— DIA 10 — A Escola de Auxiliar de Enfermagem, mantida pela prefeitura municipal de Blumenau, em solenidade realizada às 19 horas, fez entrega dos diplomas a mais uma turma de enfermeiras-auxiliares, em número de 24. A sociedade de entrega dos diplomas foi antecedida por uma missa em Ação de Graças, oficiada na Igreja de São Paulo Apóstolo.

— DIA 10 — Procedentes das principais cidades do país, equipes de atletas iniciaram, neste dia, às disputas da 3ª. Copa Cremer de Ginástica Olímpica, sediada no Ginásio de Esportes do Grêmio Esportivo Olímpico, à Alameda Rio Branco.

— DIA 10 — Com a presença de numeroso público — maioria feminino — o cantor Fábio Jr., apresentou espetáculo musical, com uma selecionada série musical de seu repertório.

— DIA 11 — Com a vitória da representação do Clube Náutico União, de

Porto Alegre, foi encerrada a 3ª. Copa Cremer, realizada no Ginásio de Esportes do G. E. Olímpico. Na classificação por equipe, a representação masculina do Olímpico conquistou o segundo lugar. Foi mais uma vitoriosa iniciativa da Cremer, prestigiando o esporte amador blumenauense. Da competição participaram cerca de 100 atletas.

— 11 — O clássico infantil “A Bela Adormecida” foi levado à cena no Teatro Carlos Gomes, às 16 horas, pelo Grupo Teatral Nós.

— DIA 13 — No Pavilhão “A” da Proeb, realizou-se a solenidade de abertura da II Mostra Blumenauense de Informação Profissional. O escritor Roberto Diniz Saut elaborou o texto de abertura, a Banda do 23º. B.C. abrilhantou a solenidade, que contou ainda com grupos de danças folclóricas e expositores. 20 instituições e 4 empresas participaram do evento. O MOBIP tem como objetivo reunir maior número possível de informações básicas sobre cursos de 2º. grau e profissionalizantes, a nível de Município do Estado.

— DIA 13 — Com a formatura militar alusiva às comemorações do 33º. aniversário do Segundo Grupamento de Incêndio no quartel do Corpo de Bombeiros instalado na rua 7 de Setembro, também aconteceu a solenidade da passagem de comando do capitão Anselmo de Souza para o capitão Valdemir Cabral. Além disso, foram entregues 12 placas para cidadãos blumenauenses considerados “Amigos dos Bombeiros”. As solenidades contaram com a presença de numerosos convidados.

— DIA 13 — Foi encenada no Teatro Carlos Gomes, a afamada peça “Ilustres Desconhecidos”, que vem alcançando o mais retumbante sucesso nos principais centros culturais do país. O texto, de Miguel Angelo Filliage, tem a direção de Ruy Tupinambá. O elenco é formado por Cristian Landegrabe, Cecília Angélica, Nelo Marresi, Ximesa Assunção, César Henrique, Paulo Pino, Luiz Maurício e Eliana Delfino.

— DIA 15 — No Teatro Carlos Gomes compareceu numeroso público para assistir o primeiro dos dois espetáculos programados, o aplaudido pianista Pedrinho Mattar. O show denominado “Rapsódia” ocorreu no auditório “Heinz Geyer”. No dia seguinte, no salão de festas do TCG, a segunda apresentação de Pedrinho Mattar foi precedida de um jantar social.

— DIA 14 — Membros do Conselho Municipal de Entorpecentes de Blumenau reuniram a imprensa para anunciar a realização da Semana Antidroga, a acontecer entre os dias 25 e 31 do mês. Segundo as informações prestadas na ocasião, Blumenau já tem cerca de 4.300 dependentes de tóxicos, o que constitui um índice verdadeiramente alarmante, pois representa 2% da população.

— DIA 17 — Com um almoço de confraternização realizado no Centro Cultural 25 de Julho, foi aberta a 4ª. Blurádio. Trata-se de uma promoção do Clube de Radioamadores de Blumenau, com o objetivo de promover confraternização entre os radioamadores, com dois dias de palestras e exposições sobre a atividade dessa importante classe em benefício da comunidade em geral. A

4ª. Blurádio foi, mais uma vez, sucesso absoluto em frequência e aproveitamento.

— DIA 18 — No Teatro Carlos Gomes, às 10,30 horas, aconteceu a primeira audição do programa "Eventos Culturais Itaú", com a apresentação da Orquestra de Câmara de Blumenau, sob os auspícios do Banco Itaú, e com entrada franca. A iniciativa permitiu às pessoas que até então não haviam conhecido a nossa orquestra, a possibilidade de fazê-lo, visto que o ingresso foi gratuito. Trata-se de uma iniciativa que prosseguirá até dezembro, com a apresentação da OCBI.U no último domingo de cada mês.

— DIA 19 — Foi aberta no espaço cultural do Banco do Brasil, importante exposição do artista Élio Hahnemann, em regozijo pelos seus vinte anos de arte. Trata-se de obras em óleo e aquarelas. Élio iniciou-se na pintura no final do ano de 1970, participando de cursos e estudando mais profundamente a arte de pintar. E o resultado de todo este esforço, movido pela sua natural vocação, está nas obras maravilhosas que vem apresentando hoje ao público.

— DIA 20 — Uma nova forma de divulgar a poesia, foi encontrada por um grupo de poetas blumenauenses. Trata-se da iniciativa denominada de "Projetando Poesia". Num bloco da FURB, foram projetados, em vídeo, textos de 16 poetas da cidade. O evento "Projetando Poesia", tem como autores Nassau de Souza, Douglas Maurício Zunino, Tânia Rodrigues e Tadeu Bittencourt.

— DIA 20 — Na promenor, da Proeb, o jornalista-escritor Lauro Lara fez o lançamento da segunda edição de seu livro "Jundia", cuja renda auferida reverteu em benefício da Promenor, correspondente a 50% do valor arrecadado. Uma iniciativa que mereceu aplauso geral da comunidade.

— DIA 21 — A cantora argentina Mercedes Sosa apresentou-se no Teatro Carlos Gomes, deliciando o público presente com selecionadas melodias de seu vasto repertório.

— DIA 22 — Numa promoção do Departamento Municipal de Cultura e Pró Música, apresentou-se no Pequeno Auditório do Teatro Carlos Gomes, o aplaudido tenor alemão Peter Siche, acompanhado ao piano por Rubens Ricciardi. O espetáculo agradou plenamente e o artista recebeu acalorados aplausos.

— DIA 22 — A imprensa (JSC) noticia com destaque a conclusão de mais quatro chalés na Casa São Simeão. Na construção foram investidos seis milhões de cruzeiros. A Casa São Simeão, nos últimos anos, vem se projetando no meio da comunidade, engariando elevado conceito pela firme administração que atualmente recebe. Nossos cumprimentos.

— DIA 22 — No salão de conferências do hotel Himmelblau, foi aberto o Curso de Reabilitação Oral, promovido pela Associação Brasileira de Odon-

tologia. O curso foi ministrado pelo professor da Faculdade de Odontologia de USP, em Bauru (SP), Waldir Antônio Janson, doutor em periodontia pela Universidade de Boston. O evento mollizou grande número de odontólogos.

— DIA 22 — A pianista suíça Beátríce Jornot apresentou-se num recital de elevado valor musical e selecionado repertório, na Biblioteca na Universidade de Blumenau, merecendo aplausos gerais.

— DIA 23 — Interpretando Mozart, Prokofiev e Chopin, estreou no Teatro Carlos Gomes o pianista mineiro Nelson Freire, integrando a Orquestra de Câmara de Blumenau. A apresentação é parte da série Circuito Sulamericano de Música, promovido pelo Banco Sul América.

— DIA 23 — Chegou a Blumenau, recepcionado em frente à Prefeitura Municipal pelo Prefeito Victor Fernando Sasse e crianças da Unidade Pré Escolar da Rua Coripós, ZÉ GOTINHA, o símbolo nacional das campanhas de vacinação. A recepção deu-se às 10 horas. O prefeito Sasse, no discurso de boas vindas, pediu responsabilidade aos adultos no momento da vacinação, para não deixar crianças sofrendo. Após a recepção, ZÉ GOTINHA visitou diversos bairros da cidade, visitando centros urbanos. No dia seguinte, ele encerrou sua visita a Blumenau, desfilando pelo Calçada da Rua 15.

— DIA 24 — Um incêndio que começou às 18,50, destruiu cinco salas de diretoria da Artex, na sede da empresa, à Rua Progresso, Garcia. Houve muito prejuízo em equipamentos de precisão. Felizmente o Centro de Processamento de Dados não foi atingido.

— DIA 25 — Denominada de festa bachiana — uma noite inesquecível com músicas de Bach, a Orquestra de Câmara de Blumenau levou a efeito notável concerto, no qual tiveram destaques três solistas — Neyde Coelho, Glacy Antunes de Oliveira e Lais de Souza Brasil. Um acontecimento de elevada expressão cultural no campo da música e que levou para o TCG seleta platéia.

— DIA 27 — Em solenidade realizada no Salão Nobre da Prefeitura, perante numerosas pessoas, tomou posse no cargo de Secretário de Turismo o Prof. Frank Graf que até então vinha exercendo as funções de Diretor do Departamento de Cultura. Frank Graf, que também é presidente do Conselho Curador da Fundação Casa Dr. Blumenau, falando na ocasião disse de seus propósitos de trabalhar muito para corresponder à confiança que em si depositará o prefeito Victor Fernando Sasse. O prefeito Sasse, por sua vez, após enaltecer as qualidades e dedicação do novo Secretário de Turismo, afirmou categoricamente que o que mais desejava é que as leis sempre fossem cumpridas por seus assessores, a exemplo do que ele mesmo procurava, a todo custo fazer. A posse do sr. Graf no novo cargo, teve favorável repercussão na comunidade.

— DIA 27 — Ainda no mesmo ato de posse do Prof. Frank Graf no cargo de Secretário de Turismo, o prefeito Sasse também empossou no cargo de diretor do Departamento de Trânsito, o capitão Carlos Olimpio Menestrina, que há meses já havia exercido o mesmo cargo, no posto de tenente.

— DIA 24 — Sob o patrocínio da Coca-Cola, foi realizada, ao meio dia, mais uma reunião-encontro dos radialistas de Blumenau, especialmente os que

atuaram no rádio há mais de 30 anos. O ágape, que teve lugar na sede social daquela empresa, contou com numerosos ex-radialistas e veteranos que ainda atuam, transcorrendo o encontro num clima dos mais alegres e descontraídos. A iniciativa de Onélio Cavaco, que já começou em 1989, merece os aplausos de todos os veteranos radialistas.

— DIA 29 — O Espaço de Arte Açú-Açú, que tem a direção do aplaudido poeta Lindolf Bell, promoveu, neste dia, a abertura de atraente exposição — BLUMENAU — RETRATOS FALADOS. A iniciativa, foi para homenagear também os 142 anos de fundação da cidade. Participaram da exposição os seguintes convidados: César Otacilio, Erica Araújo, Érico da Silva, Guido Heuer, Lygia Rousseno Neves, Myrian Medeiros, Paulo Cecconi, Rosi Maria W. Darius, Tadeu Bittencourt, Rubens Oestroem, Sola Ries, Teresinha Heimann e Vânia Guedes. O evento teve ainda o apoio da Secretaria Especial de Turismo de Blumenau.

— DIA 29 — No Espaço Cultural do Banco do Brasil, foi aberta a exposição "Imagens de Blumenau", promovida pelo Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau, com apoio da Cremer S.A. e Fundação "Casa Dr. Blumenau". A iniciativa, visou prestar homenagem aos 142 anos de fundação de Blumenau.

— DIA 29 — No salão de reuniões do SENAI, à rua São Paulo, foi aberta a mostra "A Dança do Universo", uma exposição organizada pelo grupo de ligação para a Ação Cultural e Científica Paris-França.

— DIA 28 — Chegou a Blumenau, o prefeito da cidade de Hasselfelde, berço natal do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, o sr. Manfredo Freitag. O ilustre visitante, que se achava acompanhado de seu assessor cultural sr. Horst Zaevert, foi recebido, no dia seguinte pelo Prefeito Victor Fernando Sasse, que lhe deu as boas vindas. O prefeito de Hasselfelde foi convidado oficial do município e veio participar das comemorações do aniversário de fundação da cidade.

— DIA 30 — Cerca de 25 ex-alunos do 1º. ano primário da Escola Pedro II, de uma turma de 45, participaram dos festejos do Dia do Encontro dos alunos cinquentenários, da 1ª, turma de 1941. O encontro ocorreu no pátio do Colégio.

— DIA 30 — Perante numeroso público, foi aberta a Semana Verde, Feira Estadual de Artesanato e Exposição "Crianças na Natureza", ocorrida no Pavilhão C da Proeb, como parte das comemorações dos 142 anos de fundação de Blumenau. O acontecimento recebeu aplausos gerais, pela beleza da organização, especialmente no conteúdo da Semana Verde. Presidiu a solenidade de abertura o prefeito Victor Fernando Sasse, com a presença da maioria de seus assessores diretos e diretores das diversas autarquias e instituições de administração indireta.

— DIA 31 — Na Praça Victor Konder, realizou-se a solenidade de abertura da Semana da Pátria, cujo acontecimento contou para abrihantá-lo, com a Banda de Música do 23º. B.I.. Após o hasteamento das bandeiras, o prefeito Victor Fernando Sasse presidiu a solenidade de inauguração da locomotiva "Macuca", instalada naquela praça e devidamente restaurada, para representar um marco Histórico. Como se sabe, a "Macuca" foi a primeira locomotiva que chegou a Blumenau, no começo deste século e que prestou assinalados serviços de lastro nos trabalhos de instalação da linha férrea através do Vale do Itajaí partindo de Blumenau em direção a Hansa, projeto da primeira etapa.

Subsídios Históricos

Coordenação e tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

NOTÍCIA DE 23 DE ABRIL DE 1870.

Dona Francisca. — A igreja protestante de Joinville foi muito visitada na Sexta-Feira Santa e no Domingo de Ressurreição, tomando a Santa Ceia, no primeiro dia, 400 fiéis e no segundo dia, 300 pessoas. Causaram profunda emoção os cânticos entoados pelos alunos do sr. Löwe e pelos cantores do "Sangerburg" (Liga de Cantores) durante a solenidade.

NOTÍCIA DO MESMO DIA:

Dona Francisca — Segundo notícias chegadas de S. Paulo, as condições de trabalho na construção da estrada de ferro, são pouco animadoras, não correspondendo às promessas feitas. Em março haviam seguido cerca de duas dezenas de operários e muitos deles já teriam regressado, se tivessem os meios para a viagem de volta. Os trabalhadores braçais recebem 2\$000 Réis por dia, mas sem alimentação e os mantimentos são bastante caros. Fazendo o cálculo que um operário precisa trabalhar quase dois meses completos, para as despesas de viagem de ida e volta, é preferível empregar-se aqui na construção da Estrada da Serra ou então na construção de estradas na Província do Paraná.

NOTÍCIA DE 28 DE MAIO DE 1870

Dona Francisca — O novo chefe das obras da construção da Estrada da Serra, o engenheiro Eduardo José de Moares, chegou a esta cidade em companhia de sua família, o que nos indica, que os trabalhos serão reiniciados brevemente. Conforme nos comunicam, a verba de 5.000\$000 Réis mensais concedida pelo Governo, será paga pontualmente, além disso a Câmara Provincial do Paraná concedeu a importância de 2.000\$000 Réis e a Câmara Municipal de São José, 1.000\$000 para o acerto do prolongamento da atual picada situada na província do Paraná.

ANÚNCIO DE 9 DE JULHO DE 1870.

O abaixo-assinado procura trabalhadores para a construção da estrada de ferro Campinas-Jundiaí. Comunicar-se com o sr. Kümlehn ou sr. Andreas Bek. Rudolf Voss.

A coleção do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Pastor Frank Graf
Vice-Presidente — Aíga Barreto Müller Hering

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann — Friederich Ideker — Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfred Bubeck — Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saade — Hans Martin Meyer.

DIRETOR ADMINISTRATIVO — José Gonçalves

DIRETOR DE CULTURA — Ana Holzer

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA